

Manuel de Freitas*

O que é a poesia hoje?

A poesia, se quisermos insistir no termo, é hoje uma soma bastante inaudita de equívocos e de deturpações, embora possamos assinalar vagos e trémulos sinais de esperança, ou de resignada continuidade, em pessoas que ainda sabem quem foram Petrarca ou Sá de Miranda.

É inegável que houve, nas últimas décadas, «grandes transformações»; e outras talvez mais pequenas, mas igualmente significativas. Quando eu era adolescente, entrava numa livraria (ainda havia disso, mesmo em cidades de província) e tinha ao meu dispor quase toda a melhor e a pior poesia que então se publicava. Hoje, qualquer livraria nos expõe miseravelmente apenas o que é tido por «clássico», consensual ou rapidamente vendável. O «resto» fica cada vez mais confinado a pequenos guetos, esconderijos físicos ou virtuais que teimam em não pactuar com o sórdido espectáculo geral. Se eu tivesse hoje dezassete anos e entrasse numa livraria, acharia certamente a poesia uma aberração. Outras «monstras» culturais – desde os prémios literários aos programas escolares e aos lamentáveis planos nacionais de leitura – contribuem para reforçar esse estatuto lírico de aberração.

Os poemas que se «multiplicam» na internet são quase sempre de duvidosa qualidade. E, se nunca se publicaram tantos (e tão maus) livros de poesia, isso deve-se quase apenas a facilidades técnicas e a novas modalidades de prostituição entre pseudo-poetas (que pagam) e pseudo-editoras (que recebem). Em suma, são estritamente observadas as regras básicas da prostituição, mas a poesia, no meu entender, pouco lucrará com isso. Entretanto, como sempre, escrevem-se sonetos de importância variável, pois nem tudo – apenas quase tudo – é prosa travestida em verso ou eflúvio sentimental desconexo e anacrónico.

Essa ideia, um pouco tardo-pós-moderna, de que «o poema também se canta, filma, borda, expõe, tatua, performa» parece-me extremamente perniciosa. À força de poder ser quase tudo, o poema torna-se uma redundância, um mutante tão prazenteiro e versátil quanto desvalido, oco, desconexo. Um poema – e não me importo nada de parecer «reaccionário», neste aspecto como em vários outros – é um objecto verbal que será inteiramente inútil se, de algum modo, não nos (co)mover, não alterar, ainda que num ponto ínfimo, a nossa percepção geral do mundo e de nós mesmos. E só assim, verbalmente, deve o poema ser avaliado.

Um poema de Jacques Brel ou de Leonard Cohen não se torna poema ao ser cantado; já o era. O canto pode, claro, trazer-lhe outras possibilidades emotivas, outras dimensões, mas o texto, solitário, fala e responde por si próprio. E o cinema, por exemplo, não é poético. É cinema. Se encontramos momentos «poéticos» no cinema de Pasolini, Tarkovsky ou Ozu, o «problema» é nosso; por pobreza metonímica, deslocamos, para um campo emocional distinto, arrebatamentos estéticos geralmente associados ao género lírico. O que é quase compreensível, se pensarmos que Homero nasceu muito antes de Mizoguchi, mas tão inadequado como falar das estrofes inolvidáveis de um pôr-do-sol em Veneza ou na Trafaria.

Já noutro plano, achar que o «poema» ou a poesia ganham necessariamente com acréscimos espectaculares (*performance* e afins) é descreer da própria força do poema. Pode-se, claro, fazer belíssimos bordados, bailados ou tatuagens a partir de um poema. O poema, se o for, manter-se-á incólume e inexorável na sua forma primeira. Tem ou não tem uma estrita identidade verbal a defendê-lo de tudo excepto de si mesmo.

Isso dos «novos desafios» é, quanto a mim, um vocabulário demasiado «empreendedorista», que não se aplica de todo à arte, embora possa servir de mote exaurido e contentinho a meros auto-gestores culturais como Joana Vasconcelos ou Pedro Cabrita Reis. Ao poema, pede-se unicamente que seja poema, se puder e se quiser, arcando fatalmente com as «heranças do passado». Eu, por exemplo, sinto-me muito aliviado por já não escrever poemas e chego a pensar que sou insultado quando alguém (poucas pessoas, felizmente) me chama «poeta», assim me acusando gentilmente de uma aberração que deixei de praticar. O poema, em rigor, não serve para nada; mas pode, de vez em quando, salvar-nos a vida. Acredito, sem o mínimo susto nem qualquer nostalgia, que a previsível extinção dos poetas revela uma inesperada solidariedade com a de outras espécies muito mais necessárias à sanidade deste planeta triste em que habitamos.

NOTA

* Manuel de Freitas nasceu no Vale de Santarém em 1972 e vive em Lisboa desde 1990. Poeta, ensaísta e tradutor, publicou o seu primeiro livro de poemas em 2000 (*Todos Contentes e Eu Também*, Porto, Campo das Letras), ao qual se seguiram muitos outros títulos, sendo o mais recente *769118* (Lisboa, Averno, 2020). Organizou várias antologias, entre as quais *Poetas sem Qualidades* (Lisboa, Averno, 2003) e *A Perspectiva da Morte* (Lisboa, Assírio & Alvim, 2009).